

## MEMÓRIA, HISTÓRIA, LITERATURA, ARTES

### REFLEXÕES SOBRE O CINEMA BRASILEIRO: NARRATIVAS, EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

**Gabriely Lolli de Oliveira**

Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas  
g.briely@gmail.com

**Camila Rossi**

Universidade São Francisco – USF  
rossic977@gmail.com

#### **Resumo**

Este estudo visa analisar como a narrativa no cinema brasileiro influencia os processos educacionais, culturais e estéticos. O audiovisual, juntamente com outros meios de comunicação, como música, fotografia, literatura e jornalismo, oferece uma riqueza de significados e histórias. De acordo com Navarro (2006), a narrativa está intimamente ligada ao narrador, destacando a importância de entender quem está por trás desses meios na moldagem e transmissão das mensagens. Além disso, estamos diariamente produzindo novas narrativas ou adicionando detalhes àquelas que já existem e, simultaneamente, somos atravessados pelas narrativas ao redor: dos outros, dos diferentes meios, das diversas vertentes que nos inserimos, mesmo que não seja percebido por nós. Ao tomarmos consciência desse movimento, podemos dizer da importância formativa que há nas narrativas. Por isso, se não estabelecermos a ligação entre o cinema e a narrativa, a presente discussão pode acabar enfraquecida. Tanto o cinema é uma forma de narrativa, capaz de transmitir conteúdos, ideais e mensagens, que o poder político, há muito tempo, o enxerga assim. Para fins de exemplificar, evidenciamos como a censura do período ditatorial do Brasil marcou o enredo do audiovisual em nosso país, deixando marcas e estigmas que, até os dias atuais, somos capazes de observar. Desde os primórdios de sua chegada ao Brasil, no início do século XX, o audiovisual encontra a repressão. Inicialmente realizada pela Igreja Católica, desde 1910, jornais como "A União" e "Vozes de Petrópolis" fizeram análises e classificaram os filmes de acordo com o que esse grupo religioso acreditava ser moralmente aceito. Eram publicados guias para cinema, e os filmes eram classificados em três categorias: inofensivos, aprovados com reservas e prejudiciais (Almeida, 2007). As diversas formas de comunicação e as manifestações culturais se entrelaçam com a educação, se tornando maneiras de vivenciarmos as experiências estéticas, pois oportuniza o cultivo das sensibilidades e o exercício da palavra

e do traço do sujeito (Ostetto; Ferreira, Prezotto, 2015). Assim sendo, logo após a Igreja Católica perder a força que tinha de julgamentos e decisões, os professores se aproximaram do audiovisual, vislumbrando a aproximação com as práticas pedagógicas. Por conseguinte, foi criado o primeiro órgão estatal brasileiro de incentivo ao cinema em 1936, o Ince (Instituto Nacional de Cinema Educativo). Todavia, a criação do órgão se deu no contexto do Estado Novo (1937-1945), em um projeto maior que visava ser um meio de comunicação a serviço do presidente Getúlio Vargas (Andrade, 2018). Ou seja, o cinema brasileiro foi usado como forma de fortalecer a imagem de Vargas frente ao povo, exibindo e fortalecendo seus ideais políticos. O plano foi facilmente implementado devido ao cenário social da época, com 56,8% das pessoas no Brasil com dez anos ou mais sendo analfabetas, conforme o Censo de 1940. Assim, o Ince se tornou a principal maneira do governo exercer controle sobre a produção cinematográfica no país, sendo responsável por mais de 400 obras e oito mil projeções em escolas e instituições culturais. Grande parte dessas produções estava focada em temas relacionados à saúde pública, vida e trabalho no campo. (Andrade, 2018). A produção e exibição dos filmes educativos no passado era planejada para ser, além de uma maneira para aumentar o nacionalismo entre o povo, como também uma forma de educar as crianças e jovens a serem bons cidadãos. A preocupação, naquele momento, era a construção de valores e sujeitos moralmente corretos. Nesse ponto, é importante destacarmos como essa moral se constrói em torno de certa privação. Nos diferentes contextos sociais, há um limite de possibilidades. Entretanto, essa limitação não significa dizer que o sujeito está preso em um ponto só. O sujeito pode ir além, mas precisa de condições para tal (Padilha, 2015). Podemos considerar que a privação se encaixa na censura advinda das três décadas (1964-1988) de ditadura militar no Brasil, e toda uma sociedade se constituiu, bem ou mal, nesse período e nessas condições. Refletindo a partir da psicologia histórico-cultural de Vigotsky (1930), o ser humano é essencialmente um ser social, existindo como membro de um grupo social que influencia o seu desenvolvimento histórico. A formação da sua personalidade e a estrutura do seu comportamento são intrinsecamente ligadas ao contexto social em que está inserido, sendo fortemente moldadas pelos aspectos predominantes desse grupo. Portanto, todas as liberdades ou privações vividas no contexto social, impactam individualmente cada um. Podemos exemplificar ao destacar um dos grandes desafios que o audiovisual enfrenta: o estigma de que o cinema brasileiro é ruim. Herança da ditadura, devido à privação e a censura que eram a base para manter o regime militar no poder, a consequência disso foram os filmes produzidos carregados de linguagens subliminares e diversos cortes, por vezes muito difíceis de serem compreendidos. Dessa forma o público se afastou cada vez mais dos cinemas e dos

filmes brasileiros (Pinto, 2006). Podemos observar, também, que tal ideologia é refletida na educação, ao nos depararmos com a dificuldade de introduzir o cinema nas salas de aula não apenas como simples apoio pedagógico, mas como um recurso capaz de incitar e produzir conhecimento (Oliveira, 2023). Apesar dos esforços dos cineastas, produtores e educadores, a sociedade brasileira sofreu um grande impacto relacionado à cultura e significações estéticas. A mídia, a indústria e a política exercem papéis significativos na modelagem do cenário social, influenciando a disseminação de informações, a veiculação de propagandas e a censura de imagens. No entanto, é necessário reestruturar esse ciclo, ampliando a discussão para diversos contextos, incluindo ambientes fora do âmbito escolar, como nossas casas, círculos de amigos e debates de contrapontos. Podemos enriquecer e fortalecer essas discussões ao compreender e analisar uma variedade de modelos narrativos, como cinema ficcional, documentários, novelas, entre outros. (Oliveira, 2023). Ao analisarmos as narrativas cinematográficas, percebemos que não somos meros espectadores passivos, mas sim seres críticos e reflexivos. Enquanto sujeitos que moldam ativamente seus processos de formação, desenvolvemos reflexões tanto a nível pessoal quanto coletivo. A capacidade de revisitar experiências passadas nos permite estabelecer conexões e gerar ideias no presente. Assim, aquilo que anteriormente parecia não possuir significados pode se transformar em uma valiosa fonte de conhecimento sobre nós mesmos e o mundo ao nosso redor. (Oliveira, 2023). É preciso um olhar atento e crítico para o cenário que temos atualmente ao nosso redor. São muitos os caminhos, as tecnologias, a modernização e as diversas telas que aparecem com a proposta de facilitar nossas vidas. Mas como está nosso olhar para isso? Como se estrutura nossa formação cultural e estética para tais experiências? Como nos apropriamos do cinema, quebrando estigmas e instigando diferentes discussões? Com a elaboração do presente estudo, trazemos a narrativa do cinema para as cenas do desenvolvimento histórico-cultural, social e estético, elucidando os reflexos que foram sentidos na educação, e de que maneira esses reflexos foram mantidos ou transformados por nós, enquanto sociedade. Nos cabe, nesse momento, integrar o cinema e as diversas narrativas que o atravessam como formas enriquecedoras de aprendizado, capazes de proporcionar insights, que estimulam a reflexão crítica e ampliam os horizontes formativos e culturais dos sujeitos.

**Palavras-chave:** cinema brasileiro; narrativa; educação; formação.

## Referências

ALMEIDA, Claudio Aguiar. A Igreja Católica e o cinema: Vozes de Petrópolis, A Tela e o jornal A União entre 1907 e 1921. In: CAPELATO, Maria Helena; MORETTIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos; SALIBA, Elias (Org.). **História e cinema**. São Paulo: Alameda, 2007. p. 309-325.

ANDRADE, Rodrigo de Oliveira. Filmes na Escola Instituto Nacional de Cinema Educativo teve papel fundamental no ensino e na divulgação científica no Brasil. **Revista Pesquisa FAPESP**, São Paulo, n. 271, set. 2018. p. 83-87.

NAVARRO, Jordi Sánchez. **Narrativa audiovisual**. Barcelona: Editorial UOC, 2006. 172 p.

OLIVEIRA, Gabriely Lolli de. **O audiovisual na formação inicial docente: linguagem, estética e análises em cena**. 2023. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Universidade São Francisco, Itatiba, 2023.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; FERREIRA, Luciana Haddad; PREZOTTO, Marissol. **Educação sensível: formação e experiência na docência**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2015.

PADILHA, Anna Maria Lunardi. . Contribuições de Angel Pino para pensar o homem novo em Vigotski. **Cadernos CEDES (Impresso)** , v. 35, p. 391-404, 2015.

PINTO, Leonor E. Souza. **O Cinema Brasileiro face à censura imposta pelo regime militar no Brasil – 1964/1988**. Disponível em:  
[http://www.memoriacinebr.com.br/textos/o\\_cinema\\_brasileiro\\_face\\_a\\_censura.pdf](http://www.memoriacinebr.com.br/textos/o_cinema_brasileiro_face_a_censura.pdf). Acesso em: 28 fev. 2024.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A transformação socialista do homem**. Disponível em:  
<https://marxists.anu.edu.au/portugues/vygotsky/1930/mes/transformacao.htm>. Acesso em: 28 fev. 2024.